

Enapol

II ENCONTRO DOS ALUNOS DA PÓS-GRADUAÇÃO EM
L I N G Ü Í S T I C A
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

II ENAPOL
RESUMOS E PROGRAMA

Pós-Graduação – Departamento de Linguística – FFLCH/USP
novembro 1999



II ENCONTRO DOS ALUNOS DA PÓS-GRADUAÇÃO EM
L I N G Ü Í S T I C A
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

II ENAPOL
RESUMOS E PROGRAMA

Pós-Graduação – Departamento de Lingüística – FFLCH/USP
novembro 1999

USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Jacques Marcovitch
Vice-Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

FFLCH - FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Francis Henrik Aubert
Vice-Diretor: Prof. Dr. Renato da Silva Queiroz

DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA

Chefe: Prof. Dr. José Luiz Fiorin
Vice-Chefe: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

Coordenadora: Profa. Dra. Maria Cristina Altman
Vice-coordenador: Prof. Dr. Luiz Augusto de Moraes Tatit

COMISSÃO ORGANIZADORA

Geraldo Tadeu Souza
Thaís Raposo do Amaral Pinto Chaves

COMISSÃO DE APOIO

Érica Flávia de Lima
Alessandra Del Ré
Angela França
Beatriz Protti Christino
Ligia Maria Campos Imaguire
Maria Teresa Almeida Machado da Silva
Olga Ferreira Coelho
Patrícia de Jesus Carvalhinhos
Rosane Muñoz de Sá
Sônia Maria de Mello Araújo

Copyright 1999 dos autores

É proibida a reprodução parcial ou integral,
sem autorização prévia dos detentores do *copyright*

USP



APRESENTAÇÃO

Se a difusão e propagação do conhecimento são etapas a um tempo integrantes e propulsoras do fazer científico transformador, o II Encontro dos Alunos da Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de São Paulo (II ENAPOL) reafirma neste momento a vocação com que foi inaugurado em 1998: criar um intervalo multidisciplinar para a reflexão e discussão das pesquisas que alunos, professores, associados e colaboradores estão produzindo no âmbito do Departamento.

Idealizado e gerado ao longo do biênio 1997-1998, por iniciativa da então coordenadora do curso, Esmeralda Vailatti Negrão, cujo empenho em criar um espaço que permitisse aos alunos trocar experiências para além dos restritos círculos das suas especialidades e dos seus interesses mais imediatos resultou no bem sucedido encontro, o ENAPOL se caracteriza por ser inteiramente organizado e promovido pelos alunos do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da USP. Embora muitos tenham colaborado ativamente para o sucesso dessa empreitada — alunos, professores, funcionários, gráfica, copa, zeladoria — acredito que todos se juntam a nós ao reiterarmos nossos agradecimentos especiais aos alunos Geraldo Tadeu Souza e Thais Raposo do Amaral Pinto Chaves pelo empenho e dedicação. A eles, os méritos deste II ENAPOL, que eu tenho a honra de apresentar.

O encontro deste ano contará com a apresentação de cinquenta e cinco trabalhos, agrupados em grandes mesas temáticas, conforme as linhas de pesquisa que constituem atualmente o Programa de Pós-Graduação em Lingüística. Ao longo da semana, os alunos estarão apresentando e debatendo os resultados de pesquisas relativas às estratégias de uso da linguagem oral e escrita; às estratégias de ensino-aprendizagem de língua materna e estrangeira; às teorias da gramática, do discurso, da variação e aquisição da linguagem, da semiótica, da tradução e da terminologia; à descrição e história das línguas africanas, indígenas e européias, com destaque para o português do Brasil, e à historiografia das tradições (clássicas e modernas) de estudo da linguagem e das línguas do Brasil.

Estão previstas ainda exposições e lançamentos de livros: o II ENAPOL inaugurará juntamente com a editora *Humanitas* sua primeira contribuição de títulos para a série 'Teses', que publica as teses e dissertações que foram consideradas as melhores nas diversas linhas de pesquisa do Curso.

A todos, sucesso e boas vindas ao II ENAPOL.

Universidade de São Paulo, novembro de 1999

Cristina Altman

Coordenadora da pós-graduação em Lingüística

Caros colegas,

É muito gratificante para nós poder enxergar um horizonte no qual o ENAPOL se firme como uma tradição de nosso departamento. Tradição essa que congregue professores e pós-graduandos num evento em que o conhecimento e seu debate se tornam os instrumentos de uma reflexão crítica que contribui em muito para nossa formação enquanto pesquisadores e futuros professores universitários.

Essa iniciativa, como frisado na apresentação da Profa. Cristina Altman, é muito devedora do empenho, determinação e incentivo da Profa. Esmeralda Vailati Negrão e do pronto auxílio da Prof. Diana Luz Pessoa de Barros em todas as etapas da organização em que nós perguntávamos: E agora? Como resolver isso?

Todo esse conhecimento na organização do I ENAPOL facilitou em muito a organização deste segundo que agora apresentamos a vocês, e que continua contando com o apoio da Chefia do Departamento, Prof. José Luiz Fiorin, e da Coordenadoria da Pós-graduação em Lingüística, Prof. Dra. Maria Cristina Altman, aos quais desde já agradecemos a cooperação.

Gostaríamos aqui de expressar, também, nosso agradecimento especial aos colegas coordenadores de área: Angela, Alessandra, Bia, Ligia, Maria Tereza, Olga, Patrícia, Rosane e Sônia.

Ao Wagner Muniz, por novamente emprestar os seus dotes artísticos para o logotipo, cartaz e capa deste Caderno de Resumos do II ENAPOL, os quais desta vez contaram também com o auxílio especial da Helena e do Walquir da *Humanitas*.

Aos colegas da *Humanitas Publicações* e a Érica, Fátima e Bem Hur, do Departamento de Lingüística.

Um abraço e uma boa semana de debates no II ENAPOL,

A Comissão Organizadora

Geraldo Tadeu Souza e Thaís Raposo do Amaral Pinto Chaves

PROGRAMAÇÃO*

2A FEIRA - 08 DE NOVEMBRO

- 10:30 Inscrições
- 11:00 Sessão de Abertura
- 14:00 Mesa 1: Análise da Conversação
- 16:00 Mesa 2: Aquisição/Aprendizagem/Ensino

3A FEIRA - 09 DE NOVEMBRO

- 10:00 Mesa 3: Teoria da Gramática / Línguas Africanas e Indígenas
- 14:00 Mesa 4: Línguas Africanas e Indígenas / Teoria da Gramática
- 16:00 Mesa 5: Análise do Discurso

4A FEIRA - 10 DE NOVEMBRO

- 10:00 Mesa 6: Línguas Africanas e Indígenas / Fonologia
- 14:00 Mesa 7: História das Idéias Lingüísticas / Tradução / Semiótica
- 16:00 Mesa 8: Psicolingüística / Aquisição/Aprendizagem/Ensino

5A FEIRA - 11 DE NOVEMBRO

- 10:00 Mesa 9: Lexicologia/Lexicografia / Toponímia
- 14:00 Mesa 10: Sociolingüística / Análise do Discurso
- 16:00 Mesa 11: Semiótica

6A FEIRA - 12 DE NOVEMBRO

- 10:00 Mesa 12: Semiótica
- 14:00 Mesa 13: Historiografia da Lingüística
- 16:00 Mesa 14: Sociolingüística / Historiografia da Lingüística
- 18:00 Coquetel de Encerramento e Lançamento de Livros

* Todas as seções da manhã, inclusive a de abertura, serão realizadas no prédio de Ciências Sociais e Filosofia da FFLCH. As sessões da tarde serão realizadas no próprio prédio de Letras.

COMUNICAÇÕES

MESA 1: ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO / FONÉTICA E FONOLOGIA

- 14:00 Lucília Grando, *Frames de Narrativas: estratégias para um diálogo possível*
- 14:20 Márcia Gomes Mota Lagrotta, *O Procedimento da Repetição em Idosos*
- 14:40 Rosa Maria Aparecida Nechi Verceze, *A Língua Falada como Objeto de Análise na Ação Pedagógica*
- 15:00 Cleidinéia C. S. Seabra Freire, *Algumas Reflexões Teóricas no Plano da Produção da Fala*

MESA 2: AQUISIÇÃO / APRENDIZAGEM / ENSINO

- 16:00 Luísa Helena Borges Finotti, *O Letramento e o Ensino de Língua Materna*
- 16:20 Maria Rosa Petroni, *Seqüências Didáticas e ensino do discurso argumentativo*
- 16:40 Maria Luíza Mesquita da Rocha, *A imagem-provérbio: um ensaio sobre a argumentatividade imagética*
- 17:00 Henrique Kopke Filho, *Estratégias de Compreensão da Leitura: inferência e coesão textual*

MESA 3: TEORIA DA GRAMÁTICA / LÍNGUAS AFRICANAS E INDÍGENAS

- 10:00 Ana Stela de Almeida Cunha, *Perda da flexão verbal e preenchimento da categoria sujeito na variedade popular rural do PB falado por duas comunidades negras do Maranhão*
- 10:20 Teresa Cristina Wachowicz, *As Semânticas do Progressivo*
- 10:40 Maristela dos Santos Prado, *Considerações sobre construções nominais com "classificadores" em português do Brasil*
- 11:00 Thaís Raposo do Amaral Pinto Chaves, *Construções Impessoais*
- 11:20 Gelza Matos Nunes-Pemberton, *Os Adjetivos Antepostos no Português Falado do Brasil*

MESA 4: LÍNGUAS AFRICANAS E INDÍGENAS / TEORIA DA GRAMÁTICA

- 14:00 Karylleila dos Santos Andrade, *Regras de Produção e Processos que Participam da Renovação Lexical dos Karajá*
- 14:20 Renné P. Alegria, *Formação de uma Língua Oficial Africana: o Suaíli*
- 14:40 Elizabete Umbelino de Barros, *As Línguas Negro-Africanas no Contexto Mítico-Religioso de São Paulo*
- 15:00 Márcia Santos Duarte de Oliveira, *O Advérbio na Língua Ibibio*

MESA 5: ANÁLISE DO DISCURSO

- 16:00 Regina Celeste R. De Barros, *Metáfora, uma abordagem discursiva*
- 16:20 Sheila Vieira de Camargo Grillo, *Gênero, arquivo e corpus: procedimentos e limites na constituição do "corpus" em Análise do Discurso*
- 16:40 Maria Cristina Hennes Sampaio, *Análise de um corpus discursivo: uma abordagem metodológica Quantitativa*

MESA 6: LÍNGUAS AFRICANAS E INDÍGENAS / FONOLOGIA

- 10:00 Sílvia Margarete Cunha Souza, *Língua Geral de Minna: descrição das características fonológicas*
- 10:20 José Dalvo Santiago da Cruz, *Prévia leitura das estruturas silábicas da língua indígena sateré-mawé*
- 10:40 Rosane Muñoz de Sá, *O Sistema Vocálico do Pykobyê: uma Abordagem não-linear*
- 11:00 Sidnei Barreto Nogueira, *Marcas Fonéticas de PB nos cânticos entoados em homenagem a Xangô, nos Candomblés de origem ioruba em São Paulo: uma análise à luz da Sociolinguística*

MESA 7: HISTÓRIA DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS / TRADUÇÃO / SEMIÓTICA

- 14:00 Lilian Cristina Gulmini, *Aspectos Lingüísticos da doutrina do Jainismo, na Índia Antiga*
- 14:20 Geraldo Tadeu Souza, *As contribuições de Pavel Medvedev para os estudos da linguagem do Círculo de Bakhtin*
- 14:40 Maria Teresa Machado, *Crítica de tradução: refletindo sobre a proposição*
- 15:00 Antonio Vicente Seraphim Pietroforte, *Os fundamentos musicais do verso e a forma da expressão*

MESA 8: PSICOLINGÜÍSTICA / AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM/ENSINO

- 16:00 Alessandra Del Ré, *Brincadeira, jogos de palavras e humor na aquisição da linguagem*
- 16:20 Márcia Regina Curado Pereira Mariano, *Linguagem e cognição na produção de explicações por crianças pequenas*
- 16:40 Selma Alas Martins Cestaro, *O componente cultural como facilitador de sentido na aquisição/aprendizagem de língua estrangeira*
- 17:00 Maria Alice Venturi, *A Importância da Conversação na Aquisição de uma Língua Estrangeira*
- 17:40 Célia Esteves da Silva, *Explicação em Sala de Aula de Língua Estrangeira: um estudo com aprendizes de inglês*

MESA 9: LEXICOLOGIA/LEXICOGRAFIA / TOPONÍMIA

- 10:00 José Luiz de Lucca, *Os Minidicionários Bilingües Inglês-Português/Português-Inglês: Breve Análise Crítica e Contrastiva das Macro e Microestruturas*
- 10:20 Rosa Maria Alcebíades Ribeiro, *O Universo Terminológico da Pesquisa Agropecuária no Brasil*
- 10:40 Rosiane Cristina Gonçalves Braga, *Variação, Imprecisão e Harmonização dos Termos de Telefonia Celular*
- 11:00 Lúcia Inês Freire de Oliveira, *Análise das formas lexicais de origens tupi-guarani, registradas na obra de Hans Staden*

MESA 10: SOCIOLINGÜÍSTICA / ANÁLISE DO DISCURSO

- 14:00 Cleudemar Alves Fernandes, *Jogo de Oposições e Produção de Sentido, em Uma História de Mil Anos*
- 14:20 Cecília Kimie Jo Kanashiro, *Interferência do Japonês no Português falado por nipo-brasileiros – Análise do léxico*
- 14:40 Maria Helena de Jesus Carrasqueira, *Enunciação e Estrutura narrativa em Textos da Pré-escola*
- 15:00 Jauranice Rodrigues Cavalcanti, *O Leitor na Análise do Discurso*

MESA 11: SEMIÓTICA

- 16:00 Sílvia Cristina de Oliveira, *Universal no Nordeste: uma Análise Semiótica*
- 16:20 Eduardo Antonio Lopes, *O MST e a identidade nacional nos editoriais jornalísticos*
- 16:40 Marieta Prata de Lima Dias, *As Dimensões do Sistema Temporal no Discurso de um Jornal Brasileiro*
- 17:00 Ana Cristina Fricke Matte, *Porque Sim Não é Resposta!*

MESA 12: SEMIÓTICA

- 10:00 Rita de Cássia A. Pacheco Limberti, *Discurso Indígena: aculturação e polifonia*
- 10:20 Vagner Muniz, *A construção do Olhar de Caminha: ver os índios*
- 10:40 Marcelo Machado Martins, *A Carta de Caminha: questões sobre a manipulação*
- 11:00 Mariana Cortez, *A Carta de Caminha: primeiras discussões sobre o eu e o tu*

MESA 13: HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA

- 14:00 Luciana Gimenes, *O Conhecimento Epilingüístico no Brasil Quinhentista*
- 14:20 Eliza Atsuko Tashiro, *A Influência da De Institutione Grammatica (1594) de Manuel Álvares sobre a Arte da Lingoa de Iapam (1604/1608)*
- 14:40 Erani Stutz, *A Prática Lingüística no Brasil Holandês (1630-1654)*
- 15:00 Vânia Parada, *Língua e Nação, um estudo da metalinguagem de Lorenzo Hervás (1735-1809)*

MESA 14: SOCIOLINGÜÍSTICA / HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA

- 16:00 Lígia Maria Campos Imaguire, *Estudo Semântico-Lexical da Lexia Louva-a-Deus do Estudo com Vistas a um Atlas Lingüístico da Ilha de Santa Catarina*
- 16:20 Olga F. Coelho, *Paradigma Filológico no Brasil (1940-1960)*
- 16:40 Angela França, *Aspectos da Flexão Nominal de Gênero em Mattoso Câmara*
- 17:00 Telma Regina Bueno, *Gênero e Lingüística Brasileira*

MESAS DE COMUNICAÇÕES

Frames De Narrativas: Estratégias Para Um Diálogo Possível

Lucília Grando (Mestranda; Análise da Conversação)

Orientador: Profa. Dra. Salette de Almeida Cara

Esta pesquisa estudou o papel dos frames de narrativas encaixados em entrevistas instrucionais e assimétricas entre uma pesquisadora e alguns trabalhadores rurais, da cidade de Piedade (SP). As perguntas das entrevistas induziam a construções discursivas descritivas ou dissertativas, no entanto, verificou-se a presença de narrativas. Essas narrativas foram consideradas frames, em função das histórias terem sido relatadas nos modelos verbais - afirmação e reprodução, e também, porque observou-se a característica da dramatização. Através do uso das pistas contextuais, do discurso direto, do presente histórico e dos esquemas avaliativos, os informantes sinalizaram aos ouvintes o motivo de determinada história ter sido disparada. Constatou-se que o encaixe dos frames de narrativas foi uma maneira encontrada pelos informantes de amenizarem a assimetria gerada pela situação e de suprirem o desconhecimento em relação ao que lhes foi solicitado.

O Procedimento da Repetição em Idosos

Márcia Gomes Mota Lagrotta (Mestranda; Análise da Conversação)

Orientador: Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

O envelhecimento humano é uma preocupação constante no mundo atual, dando-se de forma progressiva e dinâmica, ocorrendo modificações estruturais, funcionais e psico-sociais.

Pressupõe-se que em decorrência da senescência hajam modificações na linguagem do idoso, refletindo em um maior uso de repetições, principalmente no discurso verbal dos idosos institucionalizados. A sociedade acaba estigmatizando o idoso também no que concerne à sua fala.

A repetição pode ser utilizada como um marcador do discurso, ou seja, como um mecanismo que enfatiza a ação, ou então, utilizá-la como um organizador do pensamento ou das idéias a serem transmitidas. Para o ouvinte, se estes mecanismos forem utilizados com frequência excessiva, podem favorecer o aparecimento da ansiedade e desatenção ao conteúdo da mensagem.

Tendo em vista este aspecto, foram gravados idosos entre 60 e 85 anos, saudáveis, ativos e inseridos em Asilos e Universidades para a Terceira Idade. O objetivo deste trabalho é mostrar os resultados encontrados na fala destes idosos.

A Língua Falada como Objeto de Análise na Ação Pedagógica

Rosa Maria Aparecida Nechi Verceze (Doutoranda; Análise da Conversação)

Orientador: Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

A Língua Falada exhibe processos pertinentes para o estudo lingüístico, ao passo que engloba situações contextualizadas de fala e que ao mesmo tempo, possui uma estrutura idêntica à da Escrita. Permite reflexões precisas acerca da Língua Escrita, com um trabalho contínuo em que se vai progressivamente esmiuçando o texto falado até chegar à sentença. Meu propósito é apresentar alguns resultados obtidos em sala de aula, em que inclui a língua falada nas aulas de português como objeto de estudo para o texto e a sentença. Trabalhei os mecanismos de organização da fala com alunos de 6ª série. A utilização da fala dos próprios alunos, transformadas em transcrições, serviram para direcionar esse trabalho. As técnicas de transcrição textual aplicadas em aulas visavam à organização do texto falado, através de Unidades Discursivas – segmento do texto que carrega consigo partes da informação total do texto, preserva em si marcas do tema da unidade maior (texto). É através da unidade discursiva que se pode reestruturar o texto da fala, buscar coerência semântica do assunto, levando a fala a uma grande proximidade com o escrita.

Algumas Reflexões Teóricas no Plano da Produção da Fala

Cleidinéia C. S. Seabra Freire (Doutoranda; Fonética e Fonologia)

Orientador: Prof. Dr. Cidmar Teodoro Pais

Segundo a Teoria da Variabilidade Adaptada (Lindblom, 1987), existem duas forças antagônicas especificando o funcionamento do sistema motor da fala, isto é, há uma exigência de distinção perceptiva, do ponto de vista do ouvinte, e uma necessidade de economia articulatória, do ponto de vista do emissor. A noção de adaptação do esforço articulatório por parte do emissor, segundo o autor, pode explicar porque os parâmetros físicos da fala podem variar. Esse trabalho enfoca a influência da temporização dos comandos articulatórios na produção da fala. Foi realizado um estudo experimental enfocando o contexto segmental nasal/oclusiva/fricativa. Foi possível observar através de medidas temporais a influência do “timing” gestual na variação acústica.

O letramento e o ensino de língua materna

Luísa Helena Borges Finotti (Doutoranda ; Aquisição/Aprendizagem/Ensino)

Orientador: Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos

Esta comunicação objetiva descrever e analisar um texto escrito, produzido por um aluno da primeira série do Ensino Médio, no que concerne aos aspectos sócio-históricos subjacentes ao processo de construção do sentido do texto, ou seja, sua leiturabilidade.

Para tanto, postulamos segundo a visão sócio-interacionista que, ao produtor textual letrado cabe expressar determinado conteúdo, com base no pressuposto de que o leitor tenha condições de recuperá-lo.

Se, no entanto, o texto não permitir a recuperação de um conteúdo que aborde a temática anteriormente proposta pelo texto motivador, podemos hipotetizar, conforme Tfouni (1995:45), que *“a dimensão histórica do letramento só se dará se o sujeito ocupar uma posição tal no interdiscurso que lhe possibilite organizar o intradiscurso de forma a produzir sentido”*.

Visto que a produção que ora analisamos não cumpriu sua função de abordar a temática especificada, acreditamos que, a partir dos postulados de Kleiman (1993), possamos tentar identificar as estratégias cognitivas utilizadas pelo autor e, com isso, caracterizar o ensino de língua materna.

Seqüências didáticas e ensino do discurso argumentativo

Maria Rosa Petroni (Doutoranda; Aquisição/Aprendizagem/Ensino)

Orientador: Profa. Dra. Maria Adélia Ferreira Mauro

Assim como a aquisição de discursos orais resulta de uma aprendizagem social, também a aquisição e o desenvolvimento das capacidades lingüístico-discursivas escritas podem ser objeto dessa mesma aprendizagem. Nessa perspectiva, insere-se a construção do discurso argumentativo escrito, atividade complexa que exige a ativação de competências múltiplas (culturais, cognitivas, discursivas, lingüísticas) e requer o domínio de estratégias diversificadas (justificação, refutação, concessão, negociação) para tornar uma tese racionalmente aceitável. Assim, considerando-se que o domínio da técnica argumentativa releve de tal aprendizagem, apresenta-se uma proposta de seqüência didática (Dolz, 1994) enfatizando a estratégia da refutação — demonstração da incoerência e das contradições de determinada tese — e avaliam-se os resultados obtidos a partir de sua aplicação com alunos universitários, objetivando comprovar que o aperfeiçoamento daquelas capacidades deve ser inserido num processo que articule seu ensino com o contexto social de produção dos discursos.

A *Imagem-Provérbio*: um ensaio sobre a argumentatividade imagética

Maria Luiza Mesquita da Rocha (Mestranda; Aprendizagem/Ensino)

Orientador: Profa. Dra. Maria Adélia Ferreira Mauro

Apoiando-se em conceitos teóricos da área de Análise do Discurso, o ensaio pretende discutir o efeito de argumentatividade produzido em três capas da Revista Veja. Articulando os conceitos de **interdiscurso** (em Maingueneau), o de **lugar argumentativo** (em Reboul), o de **imagem-símbolo** (em Santaella), e recorrendo à formalização de **expressões de valor fixo** (em Citelli), o estudo aponta algumas concepções e implicações do efeito de persuasão configurado pela conjugação dos discursos escrito e visual veiculados nas três capas da referida revista. O ensaio estuda três exemplos de combinação de título e imagem, a saber: *O MUNDO EM PÂNICO* (imagem de uma corda puída), *VAI SOBRAR TELEFONE* (imagem de um aparelho de telefone em bandeja de prata) e *PROFISSÕES* (imagem de várias setas apontando em diversas direções). Aproveita-se a ocasião para discorrer sobre os benefícios advindos do estudo conjugado de palavras e imagens, nos currículos escolares de 2º grau, na disciplina de Língua Portuguesa.

Estratégias de Compreensão da Leitura: inferência e coesão textual

Henrique Kopke Filho (Doutorando; Aquisição/Aprendizagem/Ensino)

Orientador: Profa. Dra. Geraldina Porto Witter

Diante da necessidade de ensino específico de estratégias de compreensão da leitura e da carência de pesquisas com universitários, desenvolveu-se estudo em que se procurou examinar se inferência e/ou coesão textual são usadas como estratégias de leitura por docentes de Língua Portuguesa, bem como testar a adequação de instrumentos e de um procedimento para aulas de leitura.

Tal estudo contou com a participação de 16 alunos do curso de pós-graduação "lato sensu" de Língua Portuguesa, do Centro Universitário Itu-Salto. Utilizou-se como instrumento o texto *Discurso e suas condições de produção, gênero e texto* (Bräkling & Nóbrega, 1998), em que se aplicou a Técnica de Cloze (modelo convencional), mais outro exemplar do mesmo texto, do qual foram suprimidas 20 unidades de acordo com a distribuição das relações anafóricas selecionadas para análise.

Os resultados apontam para a necessidade de estudos específicos que envolvam inferência e coesão textual como estratégias de compreensão da leitura.

MESA 3: TEORIA DA GRAMÁTICA

Perda da flexão verbal e preenchimento da categoria sujeito na variedade popular rural do PB falado por duas comunidades negras do Maranhão

Ana Stela de Almeida Cunha (Doutoranda; Línguas Africanas)

Orientador: Profa. Dra. Margarida M. Taddoni Petter

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar a não causalidade entre perda de riqueza flexional do paradigma verbal e preenchimento da categoria sujeito na variedade popular rural do Português do Brasil (PB) falado nas comunidades de Damásio (Guimarães) e Frechal (Mirinzal), remanescentes de quilombo situados na Baixada Ocidental maranhense

Em trabalho anterior (Cunha:1999) tratando das construções marcadas - tais como topicalizações e deslocamentos à esquerda - foi constatada, em dados de amostragem do *corpus* utilizado para análise, uma discrepância quantitativa em relação ao preenchimento da categoria sujeito entre a variedade culta do língua (Duarte:1995;Kato:1993) e a sua variedade popular. Assim, o presente projeto, ainda em fase inicial, terá como objetivo trazer uma contribuição para a atual discussão do destino não *pro-drop* do PB utilizando apoio teórico proposto pela Gramática Gerativa (Parâmetro do Sujeito Nulo) (Chomsky:1991) ao mesmo tempo em que utilizará a metodologia da Sociolinguística variacionista laboviana (Labov: 1994).

As Semânticas do Progressivo

Teresa Cristina Wachowicz (Doutoranda; Teoria da Gramática)

Orientador: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

É comum na literatura semântica associar a forma verbal progressiva ao aspecto imperfectivo. Isso, porém, pode envolver opções teóricas diferentes. A semântica de intervalos de tempo representa o progressivo através de um intervalo que está contido em outro intervalo, só que sem os pontos inicial e final; ou seja, é um intervalo de tempo aberto (VLACH(1981), GODÖI(1992)). Por outro lado, a semântica de eventos representa o progressivo através de predicados sobre a variável evento e (PARSONS(1989)). Essas perspectivas, porém, apresentam preocupações comuns, tais como a ligação do progressivo com a classificação aspectual vendleriana - estados, processos e eventos - e as transições entre esses tipos de sentenças. Além da comparação teórica, pretendemos explicitar a concepção filosófica de tempo que está subjacente às referidas teorias e levantar daí as principais questões ontológicas.

Considerações sobre construções nominais com "classificadores" em português do Brasil

Maristela dos Santos Prado (Mestranda; Teoria da Gramática)

Orientador: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

Este trabalho tem por objetivo analisar construções nominais do português do Brasil que compreendem nomes, aqui denominados "classificadores", que realizam determinadas operações semânticas sobre outros nomes, como ocorre em *dois litros de leite e uma espécie de macaco*. Nessas construções, os nomes da esquerda (*litros, espécie*) funcionam, respectivamente, como um classificador de medida e como um classificador de instanciação em relação aos nomes da direita. Assim, por meio de um classificador, é possível quantificar um nome massivo (*leite*) - não quantificável por si só - e instanciar um nome (*macaco*) em termos de subtipo.

A partir dos dados de um *corpus*, procuro descrever as propriedades desse tipo de construção, com vistas a postular uma estrutura sintática compatível com suas características.

Construções Impessoais

Thaís R. A. P. Chaves (Doutoranda; Teoria da Gramática)

Orientador: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

Este trabalho tem por objetivo desenvolver uma investigação de construções impessoais do Português do Brasil, buscando uma implementação formal dos processos que estão em jogo na sua formação. Processos que modificam a estrutura argumental de predicados têm grande importância para o estabelecimento de sistemas formais, uma vez que eles alteram as informações básicas relativas ao predicado que estão presentes em sua entrada lexical. O contraste observado entre ocorrências distintas de um verbo, com diferentes estruturas argumentais, tem recebido dois principais tipos de explicação. Por um lado, pode-se considerar que a estrutura básica do predicado prevê um número máximo de argumentos; neste caso, os processos de impessoalização serão processos que implicam na "perda" de um dos argumentos. Por outro lado, pode-se também considerar que a estrutura básica do predicado e aquela que prevê um número mínimo de argumentos, e que outros significados que o verbo possa assumir são determinados composicionalmente na sintaxe, quando o verbo se combina com outros argumentos.

Os Adjetivos Antepostos no Português Falado do Brasil

Gelza Matos Nunes-Pemberton (Mestranda; Teoria da Gramática)

Orientador: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise sobre a anteposição dos adjetivos ao nome dentro do sintagma nominal no português do Brasil. A problemática enfrentada é a correlação entre o significado do adjetivo e sua posição sintática no sintagma nominal. Mais particularmente, defendo que o adjetivo em anteposição ao nome exerce a função própria de constituintes da área esquerda do sintagma nominal: quantificadores, dêiticos e intensificadores.

MESA 4: LÍNGUAS AFRICANAS E INDÍGENAS/TEORIA DA GRAMÁTICA

Regras de Produção e Processos que Participam da Renovação Lexical dos Karajá

Karylleila dos Santos Andrade (Mestranda; Línguas Africanas e Indígenas)

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

A renovação lexical é condicionada pelo caráter mutacional da língua. Além disso, como ela não é um érgon (produto acabado) e faz parte de sua própria natureza a enérgeia (processo), as mudanças partem sobretudo do contato entre línguas e, conseqüentemente o resultado do contato deve ocasionar o deslocamento, alterações ou até mesmo substituição nos caracteres da norma de uma das línguas. O presente trabalho tem como objetivo estabelecer as regras de produção e os processos, provenientes do sistema inter e extralingüístico, que participam da renovação lexical dos karajá. Fundamentados nos trabalhos de HAUGEN e WEINREICH no que concerne à ampliação do léxico, foram definidas, a partir do *corpus* levantado, quatro modalidades de inserção de novos recortes ao inventário lexical karajá: *estrangeirismo*; *adaptação fonológica*; *extensão semântica* e *concatenação de unidades efetivas*.

Formação de uma língua oficial africana: o suaíli

Renné P. Alegria (Mestrando; Línguas Africanas e Indígenas)

Orientador: Profa. Dra. Margarida M. Taddoni Petter

Tomando em consideração que a arma mais poderosa usada pelos governos coloniais europeus em suas colônias africanas foi a introdução da língua, ainda que os povos colonizados continuem, na sua maioria, a usar a línguas dos ex-colonos, mesmo após a independência, torna-se importante o estudo da língua suaíli, visto que esta língua se tornou oficial, contrariando a

imposição das línguas européias. Atualmente, o suaíli é falado por cerca de 30 milhões de pessoas e depois do árabe é a segunda língua mais falada na África. Este trabalho determina-se a mostrar como se implantaram as políticas lingüística no país africano, Tanzânia, onde o suaíli é língua oficial e tem um alto *status* de língua de prestígio e em que medida os lingüistas contribuíram com seus conhecimentos para que se efetivasse um planejamento lingüístico.

As Línguas Negro-Africanas no Contexto Mítico-Religioso de São Paulo

Elizabete Umbelino de Barros (Mestranda; Línguas Africanas e Indígenas)

Orientador: Profa. Dra. Margarida M. Taddoni Petter

Com base em minhas pesquisas de campo e bibliográficas, busco analisar – neste trabalho – a presença das línguas negro-africanas no Brasil. Teço um breve histórico sobre os grupos lingüísticos; a situação lingüística no início do tráfico dos negros e a permanência dessas línguas em comunidades religiosas de candomblé da cidade de São Paulo.

Partindo do geral para o particular e do passado para o presente, analiso, na esfera das práticas religiosas, a presença de línguas negro-africanas contida nas cantigas a *nkisi* ‘divindade’, especialmente, *Kisimbi kiamase* ‘divindade das águas doces (rios, lagos, cachoeiras)’, pesquisadas em duas casas de culto de rito angola, estabelecendo um estudo comparativo entre elas.

O Advérbio na língua ibíbio

Márcia Santos Duarte de Oliveira (Doutoranda, Teoria da Gramática)

Orientador: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

Este trabalho examina os dados da língua ibíbio referentes à categoria dos advérbios visando a aclarar o conhecimento desta classe de palavras nesta língua.

Objetiva descrever as subclasses adverbiais existentes em ibíbio (como advérbios de lugar, modo, tempo), incluindo a classe de itens conhecidos como ideofones e a classe de palavras QU com propriedades adverbiais. O estudo dos advérbios nesta língua inclui também a sua distribuição e as possibilidades de deslocamento.

MESA 5: ANÁLISE DO DISCURSO

Análise de um *corpus* discursivo: uma abordagem metodológica quanti-qualitativa

Maria Cristina Hennes Sampaio (Doutoranda; Análise do Discurso)

Orientador: Profa. Dra. Elisabeth Brait

O objetivo de nosso trabalho é discutir uma abordagem metodológica quanti-qualitativa que orientará os procedimentos de análise de um *corpus* discursivo. Nossa abordagem de estudo do discurso pressupõe duas dimensões: uma micro e uma macro análise, ambas sob uma mesma base quanti-qualitativa, enquanto estratégias articuladas para medirmos a relação que envolve respectivamente as dimensões da prática discursiva e da prática social. Essa dupla abordagem pressupõe procedimentos de descrição que subsidiará os procedimentos de interpretação. O *corpus* será manipulado com base em pressupostos metodológicos de análise lexical, textual e discursiva desenvolvida por Camlong (1996), nas idéias de Maingueneau (1984) sobre interdiscurso e memória discursiva (MAINGUENEAU, 1991); na recepção das idéias bakhtinianas sobre dialogismo em diversos estudiosos de sua obra; nos conceitos de condições de produção na perspectiva de práticas discursivas elaborados por Maingueneau (1991) e Fairclough (1992).

Gênero, arquivo e corpus: procedimentos e limites na constituição do "corpus" em Análise do Discurso

Sheila Vieira de Camargo Grillo (Doutoranda, Análise do Discurso)

Orientador: Profa. Dra. Elisabeth Brait

Este trabalho é uma parte de minha pesquisa de doutorado sobre a imprensa de referência no Brasil cujo arquivo é constituído do material publicado pela FSP e OESP sobre a greve dos petroleiros de 1995. Meu objetivo é discutir os procedimentos da pesquisa baseada nas seguintes questões: a distinção entre arquivo e corpus, estabelecida a partir da presença ou não de uma categoria lingüística como ponto de partida para a organização do material de análise, os diferentes níveis de construção do corpus em Análise do Discurso, o arquivo de imprensa e as suas condições de produção e a crítica à circularidade dos trabalhos sobre gêneros do discurso. As questões de constituição do corpus em Análise do Discurso serão tratadas à luz das obras de Maingueneau (1997), Courtine (1981), Pêcheux (1975), e a crítica aos trabalhos em Análise do Discurso à luz das obras de Mouillaud (1981) e Habert(1997).

METÁFORA, uma abordagem discursiva

Regina Celeste R. De Barros (Doutoranda; Análise do Discurso)

Orientador: Profa. Dra. Elisabeth Brait

Este trabalho analisa o papel da metáfora, no âmbito do discurso. O nosso argumento central é que a metáfora permeia todas as nossas práticas discursivas. Ultrapassando sua função de figura ornamental subsidiária das produções literárias ou retóricas, constitui-se ela um dos elementos básicos nos processos de significação e, conseqüentemente, do pensamento e da ação. Tendo por base o discurso, toda informação nova se constrói em interação com formas de conhecimento já existentes no contexto sócio-histórico-cultural. Portanto, vincular a metáfora com tal contexto, implica assumi-la como um fenômeno de produção e deslocamento de sentidos o qual se constitui em processos de interação e que, estando presente em qualquer nível da linguagem, põe em relevo a questão dos limites que circunscrevem a dicotomia homogeneidade/heterogeneidade lingüística, bem como as outras dicotomias dela advindas. Tomamos como *corpus* textos jornalísticos que noticiaram o acidente radiológico do Césio, em Goiânia, bem como entrevistas dos acidentados.

MESA 6: LÍNGUAS AFRICANAS E INDÍGENAS / FONOLOGIA

Lingoa Geral de Minna: descrição das características fonológicas

Silvia Margarete Cunha Souza (Mestranda; Línguas Africanas e Indígenas)

Orientador: Profa. Dra. Margarida M. Taddoni Petter

Análise dos dados da obra *Lingoa Geral de Minna*, de Antonio da Costa Peixoto, com objetivo geral de descrever as características da fonologia da língua retratada na obra. Escrita em 1731, a *Lingoa Geral de Minna* constitui um documento lingüístico de grande importância para o estudo do tema das línguas africanas no Brasil, pois atesta a existência de uma língua veicular de base Gbe no período colonial. Neste trabalho, a autora faz o levantamento dos fonemas que o autor tentou representar, verifica como foram representados dígrafos, encontros vocálicos e encontros consonantais, vogais nasais, etc. e descreve a estrutura silábica da língua geral de mina.

Prévia leitura das estruturas silábicas da língua indígena sateré-mawé

José Dalvo Santiago da Cruz (Mestrando; Línguas Indígenas)
Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

Através de modelos não-lineares, propomo-nos trazer à discussão breves dados das estruturas silábicas da língua indígena sateré-mawé do tronco tupi. Essa língua é falada pela sociedade indígena do mesmo nome, localizada na região do baixo rio Amazonas, na divisa dos Estados do Amazonas e Pará, somando uma população aproximada de 5.825 habitantes (Instituto Socioambiental/91).

Apresentaremos o quadro fonético, padrões silábicos, posição das consoantes e das vogais na sílaba: *onset*, *rima* e *coda*.

O Sistema Vocálico do Pykobyê: uma abordagem não-linear

Rosane Muñoz de Sá (Mestranda; Línguas Africanas e Indígenas)
Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

O presente estudo tem como objetivo analisar o sistema vocálico do Pykobyê, língua indígena do tronco Macro-Jê, família Jê, grupo Timbira, falada pela tribo homônima, mais conhecida como Gavião do Maranhão, situada no município de Amarante, MA. O Pykobyê apresenta, no nível subjacente, sete vogais orais *i*, *ĩ*, *u*, *e*, *ə*, *o*, *a* e três vogais nasais *ẽ*, *õ*, *õ*. Utilizando-se o modelo de Clements & Hume (1995), esse sistema vocálico é analisado do ponto de vista dos graus de abertura hierarquizados e dos pontos de articulação. Na superfície, são encontrados nove segmentos orais - *i*, *ĩ*, *u*, *e*, *ə*, *o*, *ɛ*, *a*, *ɔ* - e seis nasais - *ĩ*, *ĩ*, *ũ*, *ẽ*, *õ*, *õ* - além de nove alongamentos - *ĩ:*, *ĩ:*, *u:*, *e:*, *ẽ:*, *ə:*, *o:*, *õ:*, *a:*, *ɔ:*. Estes casos são estudados através de processos fonológicos envolvendo, inclusive, a estrutura silábica da língua. Outro fato curioso descrito no estudo diz respeito a um fenômeno característico do Pykobyê em relação às outras línguas do grupo Timbira: o efeito “breathy voice”.

Marcas Fonéticas de PB (Português do Brasil) nos cânticos entoados em homenagem a Xangô, nos Candomblés de origem ioruba em São Paulo: uma análise à luz da Sociolinguística

Sidnei Barreto Nogueira (Mestrado; Línguas Africanas e Indígenas)
Orientador: Profa. Dra. Margarida M. Taddoni Petter

O presente trabalho enseja contribuir para a investigação em linguística africana no Brasil. Comparamos, à luz das características fonéticas três línguas: o português, o ioruba contemporâneo e a língua utilizada nos cânticos entoados em homenagem a Xangô nos Candomblés de origem ioruba. Optamos por uma

análise comparativa, tendo em vista a importância das transformações sofridas pela língua de origem africana em contato com falantes de português. Na medida em que uma língua de origem africana está vinculada a uma série de fatores sócio-históricos, fundamentamo-nos em alguns pressupostos teóricos lingüísticos e extralingüísticos. Este estudo que evidencia características de uma língua inserida em universo com valores civilizatórios africanos faz parte de um projeto maior que será concretizado em uma dissertação de mestrado.

MESA 7: HISTÓRIA DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS / TRADUÇÃO / SEMIÓTICA

Aspectos lingüísticos da doutrina do Jainismo, na Índia Antiga

Lilian Cristina Gulmini (Mestranda; História das Idéias Lingüísticas)

Orientador: Prof. Dr. Mário Ferreira

O Jainismo constitui um sistema teórico, aliado a uma doutrina religiosa, cujas práticas remontam à Índia pré-budista. As teorias veiculadas por tal sistema exerceram significativa influência no desenvolvimento da cultura posterior de expressão sânscrita e incluem especulações lingüísticas em torno das relações entre linguagem, pensamento e realidade. A análise dos aspectos lingüísticos presentes no Jainismo revela posturas peculiares diante da observação dos mecanismos de significação e representação da realidade via linguagem, os quais se sintetizam, no presente trabalho, sob os títulos genéricos de “teoria jainista dos pontos de vista (*naya*)” e “teoria lógico-semântica das proposições relativizadas (*syât*)”. As especulações do sistema jainista podem contribuir – conforme defende a comunicação – para o alargamento das reflexões contemporâneas, relativamente à construção lingüística da realidade.

As contribuições de Pavel Medvedev para os estudos da linguagem do Círculo de Bakhtin

Geraldo Tadeu Souza (Doutorando, História das Idéias Lingüísticas)

Orientador: Profa. Dra. Elisabeth Brait

A grande questão dos estudos da linguagem de Pavel Medvedev, que ao lado de Volochinov é um dos membros mais estudados do Círculo de Bakhtin, é o problema do conteúdo da obra de arte. Deste ponto de vista, o teórico russo vai examinar as duas principais correntes que se constituem como dominantes em relação a uma ciência literária na União Soviética da década de 20 - o método formal e o método sociológico - coroando esses estudos com o livro *The formal method in literary scholarship* (1928) em torno de uma poética sociológica que, por um lado, incorpore um estudo científico do conteúdo e uma outra abordagem

do gênero nos estudos literários (diferente da formalista) e, por outro, consiga reconciliar os estudos literários tradicionais com o marxismo.

A relação entre a forma e o conteúdo na linguagem artística parece dar o tom às reflexões dessa vertente do Círculo de Bakhtin.

Crítica de tradução: refletindo sobre a proposição

Maria Teresa Machado (Doutoranda; Tradução)

Orientador: Prof. Dr. Francis Henrik Aubert

Serão examinadas contribuições do lingüista Alton Becker e dos críticos Antoine Berman, Ortega y Gasset e George Steiner para a análise crítica das traduções, entendendo-se a tradução como uma atividade humana, realizável, desejável, mas não perfeita, que implica a ação de um sujeito inserido no espaço e no tempo individual e histórico; e entendendo-se a crítica das traduções, não como avaliação de qualidade subentendidos os parâmetros de fidelidade ao original, mas como análise das refrações (lingüísticas, culturais, ideológicas, idiossincráticas) que se operam em textos produzidos em uma língua ao serem vazados, pela ação de um sujeito, em outra língua.

Os fundamentos musicais do verso e a forma da expressão

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte (Doutorando; Semiótica)

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fiorin

Em 1921, Edward Sapir publicava o texto “The musical foundations of verse”. Em 1969, Mattoso Câmara o traduzia para o português entre os demais textos do volume *Lingüística como ciência*. Partindo da análise dos versos livres dos poetas de língua inglesa, Sapir coloca a questão do quanto falamos por versos ou não.

Em outra tradição de teorias lingüísticas, Hjelmslev propõe, nos seus *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, que o plano da expressão tem uma substância sonora que é realizada a partir de uma forma lingüística.

Com textos em verso livre de poetas de língua portuguesa e sem confundir as duas tradições de pesquisa, pretende-se mostrar como é possível pensar o sentido da expressão em termos de tensividade a partir dos questionamentos de Sapir e das propostas teóricas de Hjelmslev.

Brincadeira, jogos de palavras e humor na aquisição da linguagem

Alessandra Del Ré (Doutoranda; Psicolingüística)

Orientador: Profa. Dra. Lélia Erbolato Melo

Com freqüência somos surpreendidos, na fala da criança pequena, por trocadilhos e/ou enunciados com tom de piadas e brincadeiras. Estudos sobre registros hilários e as anedotas enquanto índices interessantes e divertidos do potencial das crianças ressaltam a importância de uma investigação das relações entre a aquisição da linguagem, a brincadeira e o humor (Elliot, 1982).

Tendo isso em vista, e com base nos dados obtidos, sobretudo, na pesquisa de mestrado (Del Ré, 1998) - de onde se originou o interesse por essas relações - procuraremos mostrar, o papel do jogo, do espaço lúdico, e dos dados anedóticos/humorísticos (Figueira, 1997) produzidos pelas crianças.

Diante do que foi exposto e considerando que este estudo se encontra ainda em fase de desenvolvimento, formularemos algumas hipóteses iniciais, levando em conta também as três posições da criança em relação à língua, ou ainda, em relação ao processo de aquisição dessa língua (de Lemos, 1996).

Linguagem e cognição na produção de explicações por crianças pequenas

Márcia Regina Curado Pereira Mariano (Mestranda; Psicolingüística)

Orientador: Profa. Dra. Lélia Erbolato Melo

Considerando que a linguagem é, antes de tudo, construção do pensamento, o presente trabalho tem por objetivo principal refletir sobre a relação entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento lingüístico, na produção de explicações por crianças em situação de interação verbal com adultos. Segundo pesquisas realizadas, as significativas mudanças notadas nas formas de explicar, ao longo do processo de aquisição da língua materna, apontam para uma interdependência entre os aspectos cognitivos e lingüísticos no uso efetivo desta forma discursiva.

Para esta reflexão, serão retomadas noções de discurso explicativo, formação de conceitos, causalidade...(entre outras), com base em Piaget e Vygotsky, dentre outros autores.

A análise dos dados permitirá observar os diversos modos de explicar utilizados pelas crianças, bem como as estratégias lingüísticas e cognitivas colocadas em ação nestas situações, e os efeitos destes movimentos discursivos no diálogo.

O componente cultural como facilitador de sentido na aquisição/ aprendizagem de língua estrangeira

Selma Alas Martins Cestaro (Doutoranda; Psicolinguística)
Orientador: Profa. Dra. Lélia Erbolato Melo

Parece evidente que a aquisição/aprendizagem de uma língua, seja materna ou estrangeira, requer uma tripla competência: lingüística, comunicativa e cultural. Neste sentido ensinar e aprender uma língua estrangeira significa, ao mesmo tempo, construir e compreender frases corretas com a finalidade de conseguir um efeito comunicativo, bem como considerar o conjunto de componentes culturais da língua em estudo. Entenda-se, aqui, por cultural não o conjunto de conhecimentos sobre a história, instituições e características de um país (estudo da civilização), mas a possibilidade de interferência de fatores socioculturais. Assim, o objetivo neste trabalho é tratar da relevância do conhecimento cultural na compreensão textual em língua estrangeira, com o olhar voltado para a língua francesa. É importante considerar a dimensão do aspecto cultural no processo de aquisição/ aprendizagem de uma língua estrangeira porque construir sentido exige explicitar a cultura que a língua veicula.

A Importância da Conversação na Aquisição de uma Língua Estrangeira

Maria Alice Venturi (Doutoranda; Aquisição/Aprendizagem/Ensino)
Orientador: Profa. Dra. Lélia Erbolato Melo

Tendo em vista o conceito bakhtiniano de que *a expressão é que organiza a atividade mental*, e não o contrário, a abordagem comunicativa no ensino é, agora, condizente com uma perspectiva mais ampla da língua, que enfatiza seu aspecto dialógico, seu crescer progressivo nas palavras dos interlocutores.

A fluência, resultante de uma interação social, é fator primordial do desenvolvimento dessa expressividade (oral) organizadora da atividade mental. Estimula a autoconfiança e desenvolve a precisão lingüística. Portanto, o estudo de como ocorre a aquisição de uma L2 volta-se cada vez mais ao aperfeiçoamento de técnicas e estratégias didáticas dialógicas de aquisição da fluência.

Em sala de aula, particularmente nas fases iniciais do curso, as atividades devem envolver tópicos que ajudem o aluno a estabelecer relação entre o curso de língua estrangeira e o universo fora da sala de aula, do qual ele participa ativa e produtivamente, e do qual possa falar sem se preocupar com o domínio de conteúdos específicos.

Explicação em Sala de Aula de Língua Estrangeira: um estudo com Aprendizes de Inglês

Célia Esteves da Silva (Doutoranda; Aquisição/Aprendizado/Ensino)
Orientador: Profa. Dra. Lélia Erbolato Melo

Para Coltier e Gentilhomme (1989), é preciso inicialmente saber o que determina a forma discursiva sobre a qual o discurso explicativo se materializa. E essa escolha de forma parece depender principalmente da competência comunicativa da criança, competência essa que, segundo as autoras acima, está muito mais relacionada a um saber-fazer pragmático, marcada pelo saber adaptar determinada forma a determinada situação na qual é produzida e está relacionada à interação com o outro ou com a situação. A partir dessa colocação, gostaríamos, em primeiro lugar, de apresentar uma definição para o que seja explicação. Em segundo lugar, discutir como construímos a explicação em sala de aula e com que finalidade a fazemos. E, em terceiro, procurar relacionar explicação ao aspecto interativo, pois explicar, nos parece, constitui uma entre tantas outras ações, práticas conjuntas, conflitantes e/ou cooperativas que colocam em presença dois ou mais de dois participantes (Vion, 1992).

MESA 9: LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA / TOPONÍMIA

Os Minidicionários Bilingües Inglês-Português/Português-Inglês: Breve Análise Crítica e Contrastiva das Macro e Microestruturas

José Luiz de Lucca (Doutorando; Lexicologia e Lexicografia)
Orientador: Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

O objetivo precípua de nosso trabalho, com base no corpus estudado de minidicionários bilingües inglês-português/português-inglês, publicados no Brasil e na Inglaterra, através da coleta e tabulação de dados, é a análise crítica e contrastiva de dados relativos a alguns itens pertencentes às macro e microestruturas de nosso corpus lexicográfico constituído dos seguintes dicionários:

- WHITLAM, J. and RAITT, L.C. The Oxford Portuguese Minidictionary.
Oxford: Oxford University Press, 1995.
MINI COLLINS. Glásgow, England: HarperCollins, 1994
MICHAELIS. São Paulo, Brasil: Melhoramentos, 1989
MARQUES, A. e DRAPER, D. Dicionário, São Paulo, Brasil: Ática, 1996.

Tomamos, como ponto de referência, os dicionários cujo corpus da macroestrutura não fosse superior a 40.000 entradas e, que ao mesmo tempo, tivesse um formato igual ou inferior a: 18,0 x 11,0 cm.

O Universo Terminológico da Pesquisa Agropecuária no Brasil

Rosa Maria Alcebíades Ribeiro (Mestranda; Lexicologia e Lexicografia)

Orientador: Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa

A pesquisa agropecuária no Brasil é realizada pelo Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária (SNPA). O Sistema é formado por universidades, institutos e empresas estaduais de pesquisa e pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). À Embrapa compete desenvolver pesquisas e gerar conhecimentos, tecnologias, produtos e serviços, além de exercer a função coordenadora do SNPA.

O termo <pesquisa> pressupõe investigação, busca, seleção e geração de novos conhecimentos. O termo <agropecuária>, que especifica o primeiro, é muito abrangente, pois contém dois grandes conceitos, agricultura e pecuária. O desenvolvimento sustentado da prática agrícola e pecuária nos remete a um outro grande tema: meio ambiente. Todo esse universo, portanto, está sustentado nesses três grandes temas.

É nesse contexto que nos situamos para conhecer a terminologia usada pelos especialistas que atuam na pesquisa agropecuária no Brasil. Este trabalho é de grande relevância porque apresenta a delimitação desse domínio, deixa à mostra as relações entre áreas de conhecimento, temas e idéias que compõem esse universo e busca parcerias para futuras pesquisas terminológicas.

Variação, Imprecisão e Harmonização dos Termos de Telefonia Celular

Rosiane Cristina Gonçalves Braga (Mestranda; Lexicologia e Lexicografia)

Orientador: Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa

A telefonia celular é uma área relativamente nova no Brasil: foi implantada em 1992. Este fato pode ser uma das causas de algumas questões terminológicas configuradas pela falta de rigor na determinação e denominação de certos conceitos. Neste trabalho, tais questões serão chamadas de imprecisões terminológicas. Este artigo propõe-se a analisar alguns exemplos que representem tais imprecisões. Para tanto, apresenta-se, inicialmente, uma visão geral da área no Brasil e uma breve análise de seu conjunto de termos. Em seguida, discute-se sobre variante terminológica e sobre as diferenças que separam variação de imprecisão, através da análise de alguns exemplos. Debate-se, ainda, a forma como as imprecisões podem influenciar e prejudicar a comunicação entre especialistas. Finalmente, discorre-se sobre a possibilidade de harmonização dos conceitos e termos de telefonia celular, no sentido de recomendação e/ou referência.

Análise das formas lexicais de origens tupi-guarani, registradas na obra de Hans Staden

Lúcia Inês Freire de Oliveira (Mestranda; Toponímia)

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

Este trabalho tem como objetivo mostrar as alterações sofridas pela língua indígena, na passagem do oral para o escrito, quando das “apropriações” que a língua portuguesa fez dos termos indígenas, observando sua etimologia e aplicações. Tal procedimento permitiu maior aproximação com o passado e, consequentemente, com os primórdios da formação da cultura brasileira.

Para sistematizar esse estudo, o ponto de partida constitui-se de um glossário, que reuniu cento e trinta e oito termos indígenas, contidos na obra de Hans Staden, “Duas Viagens ao Brasil”(1974). A partir disso, verificou-se como outros autores trataram os termos encontrados e, inclusive, se eles também os registraram, sob que forma e com qual significado. Escolhidos os autores, foi montado um grande quadro comparativo entre eles e os termos obedeceram às transcrições fonéticas determinadas por tais autores.

MESA 10: SOCIOLINGÜÍSTICA / ANÁLISE DO DISCURSO

Jogo de Oposições e Produção de Sentido, em *Uma História de Mil Anos*

Cleudemar Alves Fernandes (Doutorando; Sociolinguística Interacional)

Orientador: Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos

Este estudo busca evidenciar o processo de construção de sentido no conto *Uma história de mil anos*, de Monteiro Lobato.

A leitura do conto insere-nos em uma atmosfera espacial que será abordada através da cenografia discursiva, da cena enunciativa na qual a história se constrói. A utilização, no discurso, de elementos específicos de um lugar em um tempo definidos na história provoca, em um jogo de oposições, a personificação de plantas e animais e, em contrapartida, a reificação de personagens. Assim, conduz à construção de sentido.

Ao final da leitura, o desejo de amor transformado em morte é apresentado como o tema construído pela força da cena anunciada logo na primeira linha do conto.

Interferência do Japonês no Português falado por nipo-brasileiros - Análise do léxico -

Cecília Kimie Jo Kanashiro (Doutoranda; Sociolinguística)
Orientador: Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos

O presente trabalho dá continuidade à pesquisa anterior, no qual realizamos uma reflexão teórica que justificasse as causas de ocorrências de determinados "erros" na aprendizagem de uma segunda língua, mais especificamente, a problemática da interferência do Japonês no Português falado por nipo-brasileiros.

Tomando como base, portanto, os princípios básicos da Sociolinguística, da Linguística Contrastiva, serão depreendidas as ocorrências de "erros". Esses "erros", restritos nesta pesquisa ao uso do léxico, serão identificados e interpretados segundo as dimensões fundamentais para a diversidade linguística, quais sejam, a identidade social do emissor, a do receptor e o ambiente social (Bright, 1964).

Essa análise será feita sobre as entrevistas realizadas com membros nipo-brasileiros, de uma família da primeira, segunda e terceira geração, da cidade de Assis, interior de São Paulo.

Enunciação e estrutura narrativa em textos da pré - escola

Maria Helena de Jesus Carrasqueira (Mestranda; Análise do Discurso)
Orientador: Profa. Dra. Elisabeth Brait

O estudo de redações de crianças da pré - escola, entre seis e sete anos, executadas individualmente, em duplas ou coletivamente, a partir de temas livres ou de reproduções de histórias infantis ou filmes, também escolhidos por elas, visa a dar aos professores subsídios para o trabalho pedagógico. Esses subsídios podem ser vislumbrados em dois níveis: o da correção e do enriquecimento das estruturas do texto infantil, especificamente da estrutura narrativa, mais profunda do que a estrutura discursiva, e o da discussão dos valores das crianças, no sentido de elas formarem uma consciência mais crítica deles, pela inclusão de uma perspectiva dialógica e polifônica na aprendizagem. Para suporte teórico da análise, recorreu-se a conceitos de Piaget, Benveniste, Greimas e Bakhtin.

O Leitor na Análise do Discurso

Jauranice Rodrigues Cavalcanti (Mestranda; Análise do Discurso)
Orientador: Profa. Dra. Maria Adélia Ferreira Mauro

Até pouco tempo, havia um número reduzido de trabalhos sobre o leitor. Em *A linguagem e seu funcionamento* (1986), Orlandi aponta essa lacuna,

que considera um dos tropeços da Lingüística - a feita somente a partir do locutor.

Nos últimos anos, no entanto, a figura do leitor vem ganhando destaque, despertando o interesse de pesquisadores de diferentes campos teóricos.

Este trabalho objetiva discutir estudos sobre o leitor na área da Análise do Discurso, em especial a de linha francesa. Para tanto, apresentamos as reflexões de alguns autores - algumas privilegiando questões ligadas à legibilidade, outras tratando da constituição histórica da posição sujeito-leitor.

Além disso, pretendemos mostrar a perspectiva de leitor escolhida para nossa dissertação de mestrado, a de leitor inscrito no texto, assim como procedimentos que oportunizem a apreensão desse leitor no fio do discurso.

MESA 11: SEMIÓTICA

Universal no Nordeste: Uma Análise Semiótica

Sílvia Cristina de Oliveira (Doutoranda - Semiótica)
Orientador: Prof. Dr. Cidmar Teodoro Pais

No presente trabalho examinou-se, à luz da teoria semiótica de Greimas e seus discípulos, dois artigos sobre a atuação da Igreja Universal no Nordeste editados no jornal Folha de São Paulo (07/06/1998), intitulados: "Igreja quer substituir Estado contra a seca" e "Seca ajuda Universal a crescer no Nordeste". Os dois artigos tratam da atuação da Igreja Universal no Nordeste por meio da distribuição de alimentos e de seu projeto para combater a seca. A metodologia constituiu-se da descrição e análise da estrutura narrativa do discurso dos textos que compõem o *corpus* deste trabalho de acordo com a teoria do percurso gerativo da enunciação e os estados patêmicos dos sujeitos. Com base nos dados encontrados, concluímos que os recursos manipulatórios dos discursos presentes no texto, o estado de imobilidade passional dos sujeitos, vítimas da seca, impedem o desenvolvimento da competência crítica, conseqüentemente, o equilíbrio entre o *crer* e o *saber*.

O MST e a identidade nacional nos editoriais jornalísticos

Eduardo Antonio Lopes (Mestrando; Semiótica)
Orientador: Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

Landowski em *Présences de l'autre* (Paris, PUF, 1997) destaca como a construção da identidade de um sujeito coletivo nacional - a identidade do Francês, no caso enfocado por ele - elabora-se por oposição a uma alteridade, com a qual aquele mantém relações que podem ser semioticamente descritas e compreendidas.

Por meio de editoriais publicados por “O Estado de São Paulo” no primeiro semestre de 1998 é possível acompanhar, a partir da presença de um outro – O MST – e das relações semióticas que com essa alteridade se estabelecem, a construção, por parte do enunciador mediático, de uma imagem identitária nacional. O exame dessa prática discursiva demonstra que o jornal constrói um simulacro do MST conferindo ao movimento um sentido específico e, por oposição, forjando uma identidade nacional que pretende ver defendida diante dessa heterogeneidade que ele figurativiza como ameaçadora.

As Dimensões do Sistema Temporal no Discurso de um Jornal Brasileiro

Marieta Prata de Lima Dias (Doutoranda; Lexicologia e Lexicografia)

Orientador: Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa

Seguindo Weinrich (1974), chamamos de *Tempo* à noção discutida historicamente (Whitrow, 1993) e de *tempos* ao comportamento do falante articulado nos dois grupos temporais do mundo comentado e do mundo narrado. O objetivo geral da pesquisa foi comparar o desempenho discursivo quanto às dimensões do sistema temporal, por meio de estudo dos verbos presentes em um jornal brasileiro de 1897 e de 1997, visando apreender as diferenças entre esses momentos de situação comunicativa. A análise, feita conforme Weinrich (1974) e Koch (1987), observou a atitude comunicativa, a perspectiva comunicativa e o relevo. Concluímos que, além da diferença na extensão dos planos narrativos, atualmente há mais comentário e remissão ao futuro e, no século anterior, mais narração e revisão do passado.

Porque Sim Não é Resposta!

Ana Cristina Fricke Matte (Doutoranda; Semiótica)

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto de Moraes Tatit

A canção “Porque sim não é resposta!” encontra-se no disco *Castelo Rátimbum* e refere-se a um quadro do programa televisivo homônimo, da Rede Cultura de Televisão. Este trabalho baseia-se na análise semiótica dessa canção, abordando-a, em caráter intenso, como canção e, em caráter extenso, como produto cultural para crianças, ou seja, uma análise que parte da linguagem “cancional” como estrutura interna em direção à linguagem “cancional” como expressão e elemento de uma estrutura maior, externa a ela, no âmbito da enunciação sócio-semiótica.

Discurso Indígena: Aculturação e Polifonia

Rita de Cássia A Pacheco Limberti (Doutoranda; Semiótica)
Orientador: Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

“*Discurso Indígena: Aculturação e Polifonia*” é um trabalho de análise semiótica, que tem como objeto duas entrevistas de história oral de vida, gravadas e transcritas, publicadas no livro “*Canto de Mor-te Kaiowá*”, de José Carlos Sebe Bom Meihy, Edições Loyola, 1991.

A análise identifica processos discursivos que revelam a presença de duas vozes no discurso aculturado do índio: a voz do próprio índio e a voz do branco. A proximidade da Reserva em que habitam os Kaiowá da cidade de Dourados e o intenso processo aculturativo a que são submetidos há muitos anos pode explicar esse fenômeno lingüístico.

A identificação da manifestação de outra voz se faz basicamente de duas maneiras: por meio de pontos fragmentários de constituição diferente na regularidade da seqüência discursiva e por meio da alteridade a que esses pontos aludem. As características formadoras dessa alteridade apresentam-se mais ou menos precisas, de acordo com o campo temático e o contexto lingüístico em que se encontram inseridas.

A construção do olhar de Caminha: ver os índios

Vagner Muniz (Mestrando; Semiótica)
Orientador: Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

A construção de simulacros constitui-se numa das recentes preocupações da semiótica de inspiração greimasiana. Trata-se, no desenvolvimento desse conceito, de procurar entender, em primeiro lugar, a maneira como um sujeito constrói imagens de um outro sujeito; em segundo lugar, procura-se compreender como um simulacro construído altera a competência do sujeito formador de imagens.

Tomando-se como quadro teórico a referida noção, este estudo pretende examinar os simulacros que Pero Vaz de Caminha faz da religiosidade, ou da predisposição religiosa, dos índios brasileiros, de acordo com o que é relatado na carta que, por ocasião do descobrimento do Brasil, o escrivão envia ao rei de Portugal.

A Carta de Caminha: questões sobre a manipulação

Marcelo Machado Martins (Mestrando; Semiótica)

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fiorin

Considerada “uma autêntica certidão de nascimento” do Brasil (Bosi, s/d., p.16), a *Carta de Caminha* integra um conjunto de textos denominados *narrativas de viagens*. As análises efetuadas sobre ela seguem geralmente duas orientações: ora centram-se no seu conteúdo informativo, buscando relacioná-lo, por exemplo, com contexto sócio-histórico que engloba o momento de sua escritura (Bueno, 1998), ora ressaltam aspectos de sua expressão literária, por exemplo, no tratamento dado às visões de mundo contrastantes entre portugueses e índios (Roncari, 1995).

Este trabalho, por sua vez, pretende apresentar a *Carta* como um objeto de comunicação entre os sujeitos Caminha e D. Manuel, considerados, respectivamente, destinador-manipulador e destinatário-sujeito. Partindo do conceito de *simulacro* desenvolvido pela semiótica greimasiana, objetiva-se descrever como as imagens dos sujeitos dessa comunicação epistolar são construídas no discurso da *Carta* e como elas podem ser tratadas do ponto de vista da manipulação.

A Carta de Caminha: primeiras discussões sobre o eu e o tu

Mariana Cortez (Mestranda; Semiótica)

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fiorin

Este trabalho pretende demonstrar, por uma aproximação entre uma publicidade de cerveja e a carta de Caminha, como se constitui o sujeito da enunciação nesses textos. Tal aproximação justifica-se graças à característica comum entre os dois discursos, a saber: o oferecimento de um produto. Na carta, o produto em questão é a terra descoberta; já no anúncio, é a cerveja que deve ser vendida.

A teoria semiótica greimasiana fundamenta esse trabalho, já que a discussão do conceito de sujeito da enunciação teve destaque nas questões tratadas por essa disciplina.

O Conhecimento Epilingüístico no Brasil Quinhentista

Luciana Gimenes (Mestrando; Historiografia da Lingüística)
Orientador: Profa. Dra. Maria Cristina Altman

O objetivo desta apresentação é expor resultados de minha pesquisa de mestrado, já concluída, cuja proposta foi efetuar uma releitura de fontes primárias para o estudo do Brasil quinhentista, buscando mapear o saber lingüístico – não somente o que assumiu os formatos de gramática e vocabulário, mas principalmente aquele presente em outros gêneros de fontes, tais como narrativas de viagens e cartas. Sendo que nestes materiais o conhecimento lingüístico foi veiculado freqüentemente de maneira dispersa e sem a intermediação de uma metalinguagem pré-definida ('epilingüístico'), busquei evidenciar, na medida do possível, mecanismos subjacentes a essa produção de saber; ou seja, a 'ordem' que orientou o pensamento dos autores, os critérios que dirigiram seus olhares para uma ou outra forma lingüística e que determinaram o tratamento dado a elas. Pretende-se aqui apresentar exemplos do saber lingüístico presente nessas fontes 'alternativas', sistematizados com base nos parâmetros internos da análise a que procedi.

A influência da *De Institutione Grammatica* (1594) de Manuel Álvares sobre a *Arte da Lingoa de Iapam* (1604/1608)

Eliza Atsuko Tashiro (Doutoranda; Historiografia da Lingüística)
Orientador: Profa. Dra. Maria Cristina Altman

No século XVI o Latim continuava sendo a língua oficial da igreja católica e a sua leitura e sua escrita eram ensinados nas escolas episcopais as quais, na Península Ibérica, existiam desde o século XII (Oliveira Marques, 1971). A Companhia de Jesus, cuja aprovação como ordem foi feita em 1540 pelo papa Paulo III, passa a ser o braço religioso da empresa imperialista portuguesa. Os jesuítas, assim, fazem-se presentes nas missões ultramarinas onde, logo, fundam seminários e colégios e em cujo programa pedagógico figura a gramática latina. A Companhia de Jesus encomenda a elaboração de um manual de Latim ao Pe. Manoel Álvarez (1562-1582), como uma das medidas de uniformização o ensino nas escolas jesuíticas. Assim, é publicada a *De Institutione Grammaticae Libri Tres*, em 1572. Esta obra foi utilizada em colégios jesuítas da Europa e das missões portuguesas, merecendo a publicação de versões próprias destinadas à população local. A versão japonesa é de 1594, publicada no colégio de Amakusa.

Nesta comunicação faremos uma exposição, primeiramente, das observações contidas sobre a língua japonesa na *De Institutione* e, posteriormente, a sua influência na *Arte da Lingoa de Iapam*, do Pe. João

Rodrigues (1561/63-1633), e, por fim, enfocaremos o desenvolvimento de uma descrição gramatical autêntica, em conformidade com a especificidade da língua japonesa.

A Prática Lingüística no Brasil Holandês (1630-1654)

Erani Stutz (Mestranda; Historiografia da Lingüística)

Orientador: Profa. Dra. Maria Cristina Altman

Compreender o ponto de vista europeu sobre a diversidade lingüística no contexto do século XVII, bem como as teorias que sustentaram sua prática é tarefa que passa por diversos estágios. O Brasil Holandês é momento privilegiado da História Colonial brasileira para tal estudo que envolve, entre outras etapas, a da identificação do *eu* holandês e suas relações com os *outros* na mesma época e local.

Esta comunicação pretende apresentar parte do *corpus* que está sendo formado para o estudo historiográfico do referido período, contendo dados extraídos de documentos da época: cartas, relatos de viagem e a *História dos Feitos praticados durante oito anos no Brasil* (1647), escrita por Gaspar Barléu (1584-1648) a pedido do Príncipe Maurício de Nassau (1604-1679).

Língua e Nação, um estudo da metalinguagem de Lorenzo Hervás (1735-1809)

Vânia Parada (Mestranda; Historiografia da Lingüística)

Orientador: Profa. Dra. Maria Cristina Altman

No campo da Historiografia Lingüística a questão da metalinguagem é de extrema importância, no sentido de que o historiógrafo precisa conhecer e dominar a linguagem usada nos estudos do passado para não correr o risco de distorcê-los ao apresentá-los ao leitor do presente.

Esta fase da pesquisa sobre a classificação lingüística no século XVIII no *Catálogo* de Lorenzo Hervás, concentra-se no levantamento metalingüístico usado pelo autor visando esclarecer os conceitos apresentados sobre língua e nação e definir as suas relações.

No título da obra, já podemos observar várias ocorrências que precisam ser definidas. Isto se faz possível somente através do levantamento destas ocorrências ao longo da obra, pretendo, então, apresentar um recorte deste levantamento, com o objetivo de definir algumas ocorrência encontradas nesta obra e que são necessárias para a compreensão da mesma, tais como, *nação, país, língua, língua matriz, dialecto, idioma, etc.*

Estudo Semântico-Lexical da Lexia Louva-a-Deus do Estudo com Vistas a um Atlas Lingüístico da Ilha de Santa Catarina

Lígia Maria Campos Imaguire (Doutoranda; Sociolingüística)

Orientador: Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos

O presente trabalho nasceu da observação das cartas lexicais resultantes do “Estudo com vistas a um Atlas Lingüístico da Ilha de Santa Catarina: abordagem dos aspectos lexicais” de Imaguire (1999).

Para o trabalho mencionado acima partiu-se de elementos teóricos da Dialectologia e da Geografia Lingüística, delimitando-se a Ilha de Santa Catarina em trinta e cinco pontos lingüísticos. Em cada ponto, foram entrevistados dois informantes, um de cada sexo, na faixa etária entre sessenta e noventa anos, num total de setenta informantes, aplicando-se um questionário composto de trezetas e quinze perguntas, distribuídas em duas áreas semânticas: a Terra e o Homem.

O material colhido nas entrevistas foi agrupado em tabelas lexicais e analisado sob os seguintes aspectos: a frequência das variantes, a estruturação das lexias, o uso do diminutivo e o uso de adjetivos qualificativos.

Deste estudo resultaram cem cartas lexicais e dez isoléxicas, com numeração devidamente demarcada, seguindo a ordem das entrevistas.

Pela exigüidade do tempo, nesta comunicação iremos analisar somente uma carta contida neste estudo, - louva-a-deus - onde serão detalhadas as variantes lexicais nos aspectos supracitados.

Paradigma Filológico no Brasil (1940—1960)

Olga F. Coelho (Doutoranda; Historiografia da Lingüística)

Orientador: Profa. Dra. Maria Cristina Altman

A comunicação tem o propósito de caracterizar a ‘Filologia’ no Brasil durante as décadas de 1940 e 1950, depreendendo desta caracterização, e do contexto intelectual do período, fatores que tenham colaborado para a sua hegemonia, enquanto conjunto de concepções e de práticas de tratamento da linguagem, no embate com a emergente ‘Lingüística’.

Para a caracterização, é apresentada uma análise da produção publicada do filólogo Serafim Pereira da Silva Neto (1917–1960), um estudioso de grande projeção no período, cuja obra, filológica, foi tomada pela comunidade científica do período como ‘exemplar’ (Kuhn 1962).

Aspectos da flexão nominal de gênero em Mattoso Câmara

Angela França (doutoranda; Historiografia da Lingüística)

Orientador: Profa. Dra. Maria Cristina Altman

Neste trabalho, nosso objetivo é abordar, historicamente, o processo de flexão de gênero em português, a partir de alguns problemas apontados por Mattoso Câmara em seus escritos (1938-1970): a necessidade de se distinguir entre expressão do gênero gramatical e a expressão do gênero biológico; a distinção entre sufixo derivacional e flexional, que parece ser essencial em Morfologia; e o problema da flexão propriamente dito.

Tradicionalmente, a oposição masculino/feminino é representada pela oposição entre a forma base /o/ para o masculino *versus* /a/ para o feminino. Diferentemente, Mattoso descreve essa oposição, forma de masculino *vs.* forma básica de feminino, pelos morfemas {ø} e {a}, respectivamente. Para isso, Mattoso postula um tema teórico que não aparece no complexo vocábulo. Com esse procedimento foi possível reduzir a descrição do gênero em português a apenas três regras. Como se deu esse processo cognitivo em sua prática de análise lingüística?

Gênero e Lingüística Brasileira

Telma Regina Bueno (Mestranda; Historiografia da Lingüística)

Orientador: Profa. Dra. Maria Cristina Altman

As investigações centradas no gênero, tal e qual têm-se desenvolvido em anos recentes, procuram a identificação de traços femininos em diferentes esferas da vida social e intelectual. Inserido nesta perspectiva, o presente projeto procura problematizar a participação da mulher nos processos de organização e profissionalização nas ciências da linguagem entre os séculos XIX e XX no Brasil, tendo como “pano de fundo” a mudança de valores, idéias e práticas que acompanhou a passagem de uma lingüística histórico-comparativa para uma lingüística estruturalista. O período de pesquisa foi assim delimitado em função de alterações que nele se verificam em alguns aspectos, tais como a estrutura organizacional das academias, seus objetivos em relação ao estudo do idioma “pátrio”, e o papel da mulher, tanto em relação à produção acadêmico-científica, quanto em relação às funções atribuídas desempenhadas por ela nesse contexto.

EXPOSITORES

Alessandra Del Ré	30
Ana Cristina Fricke Matte	37
Ana Stela de Almeida Cunha	21
Angela França	43
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte	29
Cecília Kimie Jo Kanashiro	35
Célia Esteves da Silva	32
Cleidinéia C. S. Seabra Freire	18
Cleudemar Alves Fernandes	34
Eduardo Antonio Lopes	36
Eliza Atsuko Tashiro	40
Elizabeth Umbelino de Barros	24
Erani Stutz	41
Gelza Matos Nunes-Pemberton	23
Geraldo Tadeu Souza	28
Henrique Kopke Filho	20
Jauranice Rodrigues Cavalcanti	35
José Dalvo Santiago da Cruz	27
José Luiz de Lucca	32
Karylleila dos Santos Andrade	23
Lígia Maria Campos Imaguire	42
Lilian Cristina Gulmini	28
Lúcia Inês Freire de Oliveira	34
Luciana Gimenes	40
Lucília Grandó	17
Luísa Helena Borges Finotti	19
Marcelo Machado Martins	39
Márcia Gomes Mota Lagrotta	17

Márcia Regina Curado Pereira Mariano	30
Márcia Santos Duarte de Oliveira	24
Maria Alice Venturi	31
Maria Cristina Hennes Sampaio	25
Maria Helena de Jesus Carrasqueira	35
Maria Luiza Mesquita da Rocha	20
Maria Rosa Petroni	19
Maria Teresa Machado	29
Mariana Cortez	39
Marieta Prata de Lima Dias	37
Maristela dos Santos Prado	22
Olga F. Coelho	42
Regina Celeste R. De Barros	26
Renné P. Alegria	23
Rita de Cássia A. Pacheco Limberti	38
Rosa Maria Alcebíades Ribeiro	33
Rosa Maria Aparecida Nechi Verceze	18
Rosane Muñoz de Sá	27
Rosiane Cristina Gonçalves Braga	33
Selma Alas Martins Cestaro	31
Sheila Vieira de Camargo Grillo	25
Sidnei Barreto Nogueira	27
Silvia Cristina de Oliveira	36
Silvia Margarete Cunha Souza,	26
Telma Regina Bueno	43
Teresa Cristina Wachowicz	21
Thaís Raposo do Amaral Pinto Chaves	22
Vagner Muniz	38
Vânia Parada	41

Ficha Técnica

<i>Título</i>	RESUMOS E PROGRAMA DO II ENAPOL
<i>Coordenação editorial</i>	M ^a . Helena G. Rodrigues
<i>Capa</i>	Vagner de Oliveira Muniz
<i>Montagem</i>	Charles de Oliveira/Marcelo Domingues
<i>Editoração, revisão de textos e provas</i>	Geraldo Tadeu Souza e Thaís Raposo do A. P. Chaves
<i>Mancha</i>	11,5 x 19 cm
<i>Formato</i>	16 x 22 cm
<i>Tipologia</i>	Times New Roman
<i>Papel</i>	off-set 75 g/m ² (miolo) cartão branco 180g/m ² (capa)
<i>Impressão da capa</i>	azul
<i>Impressão e Acabamento</i>	Gráfica – FFLCH/USP
<i>Número de páginas</i>	48
<i>Tiragem</i>	400 exemplares

